

O Ensino de História no Século XXI: Um Debate Acerca das Novas Tecnologias Em Sala de Aula

Eduardo Henrique de Freitas Marques

eduardo_itba@hotmail.com

Graduação em História

Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar algumas reflexões acerca do ensino de História, como base principal para diálogo farei alguns questionamentos e apontamentos com base nas novas ferramentas a serem utilizadas em sala de aula. É necessário afirmar que fins do século XX e século XXI evidenciaram grandes avanços tecnológicos, atingindo as diversas esferas sociais. Contudo, é necessário destacar a juventude presente nas escolas e também essencialmente o professor, que a inovação é imprescindível tomar conhecimento dessas novas tecnologias. A sala de aula é um ambiente multicultural, tanto alunos quanto professor possuem culturas diversas e, desta forma, o professor deve saber se utilizar das novas tecnologias para um melhor conhecimento e, um processo ensino/aprendizagem mais satisfatório. O espaço da sala de aula deve ser um local de troca de conhecimentos entre aluno e professor, a partir dos conhecimentos prévios do aluno, o professor deve elaborar atividades e conteúdo que possam englobar de uma melhor forma a turma. Entender que cada aluno possui suas particularidades, interesses e culturas nos remete a pensar que o professor deve saber lidar com cada aluno e, a partir daí explorar o conhecimento prévio e adquirido por cada um ao longo do tempo. Formar um aluno crítico e preparado para enfrentar os problemas da sociedade está muito além de apenas “empurrar” conteúdos, mas entender que cada um possui um conhecimento diferente sobre aquilo, o processo ensino/aprendizagem deve ser construído entre o professor e o aluno; acima de tudo os futuros professores precisam levar em conta que a avaliação deve ser processual, e não encarada apenas num momento único do aluno.

Importância do Ensino de História com o Uso de Ferramentas Tecnológicas

É essencial entender que como afirma Sevckenko, o século XX compreendeu um dos períodos de maior aceleração tecnológica, no entanto é necessário dissolver as melhores formas de utilizar novas ferramentas tecnológicas na sala de aula.

“O que distingue particularmente o século XX, em comparação com qualquer outro período precedente, foi uma tendência contínua e acelerada de mudança tecnológica, com efeitos multiplicativos e revolucionários sobre praticamente todos os campos da experiência humana e em todos os âmbitos da vida no planeta.” (SEVCENKO, 2001, p. 23)

Novas mudanças em qualquer campo se submetem a resistências e, no campo educacional não é diferente. No entanto é necessário entender que como o século XX marcou uma grande inovação tecnológica, as mudanças ocorrem em todos os campos e, como afirma Sevckenko, essa nova onda tecnológica gerou novas mudanças.

“Mas como o advento da era tecnológica, o quadro mudou totalmente. A introdução de novas técnicas gerou uma dinâmica em que o potencial transformador das sociedades modernas se multiplica numa velocidade muito maior do que a necessária para que as pessoas possam compreender ou refletir sobre seus impactos futuros.” (SEVCENKO, 2001, p. 45)

É essencial para o professor entender também o multiculturalismo dentro da sala de aula, as diferenças devem ser entendidas e respeitadas; por mais que seja um trabalho árduo, o professor deverá ser o mediador em meio as diversas culturas existentes no espaço escolar. Os “temas transversais” são legítimos de conhecimento, e para isso deve se entender questões multiculturais dentro da sala de aula e, atualmente com o advento tecnológico, questões como espaço multicultural e utilização de novas tecnologias devem ser entendidas na sala de aula pelo professor. Ainda trabalhado de uma forma tradicionalista, o ensino de história continua sendo por várias razões e, infelizmente, introduzido na sala de aula de forma positivista e com narrativas retrógradas, o livro didático pode ser um dos grandes exemplos dessa questão, apesar da variedade de recursos alternativos como filmes, músicas, jornais, revistas e tecnologias, o livro didático ainda é o principal meio de estudo nas escolas; isso se deve muito ao fato de ser

uma ferramenta de mais fácil acesso e, apesar da busca de novas linguagens, o livro didático ainda serve como um roteiro para professor, alunos e direção. Há uma definição por parte dos docentes que esse material é um “mal necessário”, pois oferece um roteiro do tema estudado aos alunos e aproxima-se as metodologias dos professores.

Mas não vamos nos deter a uma crítica mais aprofundada do livro didático, e sim como Bauman nos apresenta uma reflexão de como novas mudanças acarretam distúrbios.

“A modernidade significa muitas coisas, e sua chegada e avanço podem ser aferidos utilizando-se muitos marcadores diferentes. Uma característica da vida moderna e de seu moderno entorno se impõe, no entanto, talvez como a “diferença que faz a diferença”, como o atributo crucial que todas as demais características seguem. Esse atributo é a relação cambiante entre espaço e tempo.” (BAUMAN, 2001, p. 15)

As inovações tecnológicas são acompanhadas pela sociedade, e não obstante a escola e, o professor de história devem acompanhar essas mudanças que atingem grandemente o espaço escolar. É essencial destacar que a juventude busca se firmar com uma identidade, ao adentrarmos em uma sala de aula, é possível perceber os grupos diversificados que partilham dos mesmos gostos e das mesmas opiniões e, nesse ponto, vemos a grande presença das novas tecnologias; atualmente, na grande maioria das vezes, um aluno de ensino médio possui celulares, smartphones, MP4, computadores e acesso à internet, e é nesse ponto onde o professor deve trabalhar. As mídias eletrônicas atingiram um patamar que dificilmente serão alcançadas por outras mídias, o mundo eletrônico e o sentimento de estar em uma “nuvem digital” estão cada vez mais presentes na cultura dos jovens estudantes atualmente, as redes sociais são hoje uma grande indústria de interação onde os jovens buscam refúgio e também, liberdade. Como afirma Bauman, a mídia eletrônica e a vida líquida são como “unha e carne”:

“Do mesmo modo, jamais responderemos à pergunta se a mídia eletrônica “é a razão de ser” da vida líquida ou vice-versa. A única coisa que podemos opinar responsabilmente é que eles são “unha e carne”, se encaixam perfeitamente. Com toda certeza, ambos se sentem absolutamente à vontade um com o outro, enquanto a questão de se eles sobreviveriam (ou se alastrariam com a velocidade de um incêndio florestal) em qualquer outra companhia só pode ser respondida hipoteticamente e está destinada a ser uma questão de

disputa. Da maneira como as coisas estão agora, a vida líquida sem a facilidade da mídia eletrônica é tão inimaginável para nós como a mídia eletrônica em um ambiente sociocultural não líquido.” (BAUMAN, 2014)

O professor de História deve saber articular as novas ferramentas tecnológicas com o ensino de história, o desenvolvimento tecnológico é acompanhado pelos jovens estudantes e, sendo assim, estão pendentes a ter contato com uma nova era de informações; assim como afirmei anteriormente, a liberdade que determinados meios tecnológicos vêm oferecendo interfere no imaginário social dos jovens estudantes e, como alunos do ensino médio, é necessário haver novas propostas do professor para que o aluno tenha um contato maior com o conteúdo de acordo com sua realidade.

“Verifica-se, assim que o desenvolvimento tecnológico ocorrido nas últimas décadas modificou uma série de processos e está revolucionando o acesso à informação, contexto em que novos ambientes ricos em informações vão surgindo e com eles novos processos de construção de conhecimentos associados a modelos mais dinâmicos e interativos, o que dá a dimensão dos desafios educacionais do século XXI, especialmente aos professores, dos quais se espera, possam estabelecer novas formas de ensinar e aprender.” (ROMEIRA; ALTOÉ, 2010.p.3)

Assim como a sociedade acompanha as mudanças tecnológicas, a escola também deve acompanhar. E o professor de história é peça chave nessa condição de acompanhamento, devido ao fácil acesso as novas tecnologias, tanto alunos quanto professor partilham dos mesmos ambientes sociais digitais (Exemplo: Facebook, Twitter) e, a partir daí o professor deverá iniciar um contato digital com estes alunos; há também a possibilidade da utilização de bibliotecas virtuais, museus, filmes, dentre outros, como afirma Romeira e Altoé:

“No mundo atual, repleto de tecnologias de comunicação e informação, entende-se, portanto, que as tecnologias de informação e comunicação crescem cada vez mais em importância, configurando-se como canais

para acesso e distribuição de informações, ao possibilitarem o acesso direto a centenas de catálogos de bibliotecas, milhares de livros e artigos, revistas científicas eletrônicas, discussão sobre inúmeros temas históricos, entre tantas outras incontáveis possibilidades.” (ROMEIRA; ALTOÉ, 2010.p.9)

É a partir das novas tecnologias, do contato com os alunos e a percepção de um ambiente multicultural que pretendo apresentar a seguir um projeto onde o alunos deverão ter contato com novos meios tecnológicos e, a liberdade de se expressar por meio da música.

Projeto: O Ensino de História e a Música

Com a aplicação deste projeto, o professor deverá trabalhar determinados conceitos com os alunos, como: cultura, revolução, discussão passado e presente; com as propostas de atividades os alunos deverão desenvolver interpretação de texto, emitir opiniões, interagir e trabalhar em grupo. A partir de determinado tema específico, o professor dará início a sequência e, como atividade e base principal a utilização da música, como exemplo para aplicação, pretendo partir dos movimentos de contestações culturais da década de 1960. O tempo estimado são quatro aulas de 50 minutos.

1º aula: Conceito de cultura

Inicialmente pedirei para que a turma ser organize em grupos de dois a três alunos, onde cada grupo deverá discutir e produzir um texto sobre o que entendem sobre o conceito de Cultura, o que pensam sobre a cultura e a questão cultural no cenário em que vivem, pretendo auxiliar o grupo direcionando questões relacionadas à música, cinema, arte. Após a elaboração do texto produzido, o grupo deverá escolher um representante para que ocorra a leitura do texto produzido. A partir daí o professor deverá mobilizar o grupo a refletir sobre alguns conceitos citados pelos alunos, essa mobilização se dará a partir da leitura das produções de cada grupo. Conceitos como: Cultura, Ditadura, Canção de protesto, Movimentos Contracultura. Logo após, ocorrerá uma leitura metódica do texto produzido pelo professor. Desenvolvimento de uma narrativa histórica contextualizando o cenário atual nacional cultural e no contexto da

década de 1960 no Brasil. Em seguida evidenciar as características do Governo Militar no Brasil, bem como a participação de jovens e artistas musicais no movimento contracultura na década de 60. Texto a ser trabalhado abaixo e destacada em itálico:

Contestações Culturais na Década de 1960 no Brasil

Antes de determos nas reflexões acerca das contestações culturais no Brasil nos anos de 1960 é importante compreender o que se entende por cultura. O termo cultura tendia, até o século XVIII, referir-se à arte, literatura e música. Atualmente, segundo o exemplo dos antropólogos, os historiadores e outros usam o termo “cultura” muito mais amplamente, para referir-se a quase tudo que pode ser aprendido em uma dada sociedade, como comer, beber, andar, falar, silenciar, e assim por diante. Dessa forma podemos compreender que somos seres culturais e que não existe uma cultura melhor do que outra, mas existem culturas diferentes. Se olharmos ao nosso redor, podemos perceber que vivemos em um espaço multicultural, ou seja, de várias culturas. Nosso papel é buscar dialogar com as diferentes culturas e respeitar às diferenças.

A cultura de um povo pode ser expressa de várias formas, tais como no cinema e nas canções, além de outras expressões artísticas. Por meio do cinema temos acesso a diferentes histórias de diferentes sujeitos. Nos últimos anos é possível perceber o avanço da arte cinematográfica no Brasil. As canções são marcadas por vários estilos tais como sertanejo, funk, rapper, MPB, rock, pagode etc.

Nem sempre, as diferentes manifestações culturais eram livres. Expressar sua cultura livremente é herança conquistada a partir de muitas lutas por diferentes homens e mulheres que lutaram contra a Ditadura Militar no Brasil. Nesse contexto, anos de 1964 a 1985, o Brasil viveu esta triste história, marcada pela censura, tortura e morte de vários brasileiros. Mas o povo não silenciou, houve diversas formas de luta e nesse cenário as contestações culturais contribuíram para problematizar a ditadura militar. Os movimentos da contracultura buscaram subverter ao que era permitido. O Tropicalismo foi um exemplo, este foi um movimento de ruptura que mexeu com o cenário cultural brasileiro nos anos de 67 e 68. Os tropicalistas deram um histórico passo à frente no meio musical brasileiro. A música brasileira pós-Bossa Nova e a

definição da “qualidade musical” no País estavam cada vez mais dominadas pelas posições tradicionais ou nacionalistas de movimentos ligados à esquerda. Contra essas tendências, o grupo baiano e seus colaboradores procuram universalizar a linguagem da MPB, incorporando elementos da cultura jovem mundial, como o rock, a psicodelia e a guitarra elétrica.

A televisão foi um meio fundamental de atuação do grupo – principalmente os festivais de música popular da época. A eclosão do movimento deu-se com as ruidosas apresentações, em arranjos eletrificados, da marcha “Alegria, alegria”, de Caetano, e da cantiga de capoeira “Domingo no parque”, de Gilberto Gil, “Roda Viva” de Caetano Veloso, no III Festival de MPB da TV Record, em 1967.

Irreverente, a Tropicália transformou os critérios de gosto vigentes, não só quanto à música e à política, mas também à moral e ao comportamento, ao corpo, ao sexo e ao vestuário. A contracultura hippie foi assimilada, com a adoção da moda dos cabelos longos encaracolados e das roupas escandalosamente coloridas. O movimento, libertário por excelência, durou pouco mais de um ano e acabou reprimido pelo governo militar. Seu fim começou com a prisão de Gil e Caetano, em dezembro de 1968. A cultura do País, porém, já estava marcada para sempre pela descoberta da modernidade e dos trópicos. Produção: Eduardo Henrique de Freitas Marques

2º aula

O professor fica a cargo da apresentação da canção “Roda-Viva”, do autor Chico Buarque. O professor deverá fazer a leitura metódica da letra da canção com os alunos, em seguida apresentar a música por meio do uso de notebook e caixas de som. Após a apresentação da canção, o professor fará uma breve interpretação da letra, relacionando-a com fatos contemporâneos à década de 1960, e como os cantores e músicos utilizavam suas letras e ritmos como meio de protestar em meio a um governo totalitário. Após a análise e interpretação da canção feita pelo professor, o mesmo deverá mobiliza-los a dar sua opinião sobre a canção: o que entenderam, se gostaram ou não, se conheciam o cantor, se já conheciam a música, e por fim expressar alguma opinião. Após esse breve momento de diálogo, o professor deverá propor uma atividade para a próxima aula;

nesta atividade, a partir do entendimento dos alunos sobre o conceito de cultura e canção de protesto, o professor passará um roteiro de atividades, onde os esmo grupos da primeira aula deverão escolher uma música e, a partir da escolha, discorrer sobre questões pedidas nesse roteiro. Cada grupo será direcionado a baixar em um pen-drive, gravar em um CD ou outra maneira para que na terceira aula ocorra uma atividade sobre as canções escolhidas.

Roteiro de atividade:

- Qual o título da canção?
- Qual a data de lançamento?
- Quem é o autor da canção?
- Qual o ritmo da canção?
- Onde o grupo ouviu a canção escolhida pela primeira vez?
- Qual o motivo da escolha dessa canção?
- Para o grupo, o que a letra dessa canção quer transmitir?
- O que vocês destacam nessa canção/cantor/ritmo ?
- Escrevam um texto de 5 linhas ou mais sobre o porquê da escolha dessa canção, e porquê o grupo a considera importante para a cultura no cenário atual do Brasil.

3º Aula

Com a orientação e mediação do professor, cada grupo deverá apresentar sua canção, respeitando os pontos exigidos no roteiro. Cada grupo deverá fazer uma breve leitura do roteiro e em seguida apresentar a canção escolhida, após a apresentação das canções será aberta uma roda de conversa. Após o fim das apresentações, o professor

abrirá a sala para uma roda de conversa, onde o mesmo deverá mediar os alunos para que cada um possa expressar sua opinião sobre as canções apresentadas. Dessa forma o professor deve induzir os alunos ao debate, respeitando a fala e a opinião do outro.

4º Aula

Nesta última aula do projeto, o professor deverá utilizar o laboratório de informática e, a partir da escolha prévia de programas e sites, conduzirá os alunos a utilizar programas para a confecção de cartazes para uma “rádio”, onde serão apresentadas as canções de cada grupo apresentadas na sala de aula. Os programas utilizados pelo professor para esta atividade são, como exemplo: Power Point, Word, dentre outros. Logo em seguida os alunos devem organizar as músicas que serão tocadas na rádio, por meio e pen drive, as canções serão ouvidas no computador e, a partir das orientações do professor, cabe aos alunos baixar as músicas escolhidas anteriormente e que não estejam presentes no pen drive, a partir daí o professor deve orientar os alunos a utilizar determinados sites de busca e download, como exemplo: YouTube, 4Shared. Após a confecção dos cartazes e das músicas, os alunos serão orientados a participar da rádio no recreio e intervalo de horários, todas as músicas serão apresentadas e, serão utilizados materiais como notebook, pen drive, caixas de som.

Considerações Finais

É essencial destacar que o mundo atual vive mudanças a cada momento, em um processo de avanços tecnológicos cada vez mais rápido; como vimos anteriormente o professor de História deve saber entender esse momento e, como a juventude se apropria dessas novas tecnologias, para que assim possa pensar novos meios de atingir estes jovens estudantes com o uso das novas tecnologias. O uso de novas tecnologias na sala de aula é algo iminente, e essencialmente o professor de História deve saber se utilizar das novas ferramentas tecnológicas; logicamente, para se utilizar estas ferramentas deve haver uma metodologia preparada pelo professor pois, a cada

momento o ensino de História deve ser entendido como um meio de saberes múltiplos, muito mais que apenas um lugar de estudo a sala de aula é um lugar de troca de conhecimentos e, também um lugar de produção, sendo assim é de grande importância o professor de História interagir com seus alunos, para a partir daí saber se utilizar das ferramentas tecnológicas que possam atingir seu meio social e suas culturas.

A partir da proposta que pretendo desenvolver, a utilização da música na sala de aula é, na minha opinião, algo que deve ser encarado como um grande processo de aprendizagem entre o professor e o aluno; não apenas focando na letra da música, mas no ritmo e instrumentos. Desenvolver um senso crítico junto aos alunos e, entender que cada música possui suas especificidades e culturas, entendendo que a sala de aula de aula é um espaço multicultural. Concluindo, podemos afirmar que as novas tecnologias são um grande avanço também para o campo do ensino de História, e novos meios e possibilidades devem ser trabalhados, o professor de História é peça fundamental para utilizar de forma metodológica, novas ferramentas tecnológicas na sala de aula.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida: Emancipação**. Rio de Janeiro: Editora Zahar. 2001. p. 7-63

DUQUE, L. G. R. ; **Canções que embalam a História: apontamentos metodológicos para o uso da Música Popular Brasileira na sala de aula**. Revista do Lhiste, v. 1, p. 23, 2014.

ROMEIRA, Tony Eudes; Altoé, Anair . **Tecnologia de Informação e Comunicação e Ensino de História: Possibilidades de Diálogo**. Seminário de Pesquisa do PPE -2010, v. 01, p. 01, 2010.

SEVCENKO, Nicolau. **A Corrida para o Século XXI: no Loop da Montanha Russa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.